

Hecht, Susanna B. *The Scramble for the Amazon and the Lost Paradise of Euclides da Cunha*. Chicago: U of Chicago P, 2013. 612 pp. Maps. Tables. Notes. Glossary. Bibliography. Index.

Qualquer livro sério sobre a disputa da Amazônia no contexto geopolítico do século XIX, e que envolva um protagonista tão distinto quanto Euclides da Cunha, é motivo suficiente para celebrar. Tal é o livro de Susanna B. Hecht que agora resenhamos. A Amazônia foi, é e sempre será mais que uma curiosidade natural. Ali chegaram desde os primórdios da Colônia, viajantes europeus de todos os lados, não só movidos por utopias, mas por ambição de riquezas e expansão territorial. No início eram as madeiras, o cacau, o tabaco, a salsaparrilha, as resinas e óleos medicinais. Mais tarde, a castanha, o quinino, a borracha, e claro, os minérios e o petróleo agora. Neste falso paraíso de tão vastas riquezas, buscou-se também, e de forma mais agressiva, outra “mercadoria,” muito mais lucrativa, por isso, altamente cobiçada: a mão-de-obra indígena, conseguida pela força truculenta da escravidão ou do trabalho forçado.

Assim, a Amazônia até princípios do século XIX foi motivo de uma competição em que principalmente Portugal, Espanha e França se digladiaram diplomaticamente para manter parcelas territoriais, estendendo seus domínios pelo mundo. Naquele século, marcado pela presença comercial e militar ostensiva da Inglaterra, veríamos também um aumento gradativo do seu ideal expansionista e o interesse cada vez mais óbvio dos Estados Unidos em querer abocanhar parte do imenso território amazônico. As habilidades diplomáticas do Brasil, contudo, garantiram a sua maior fatia com relação a seus vizinhos. Será em épocas mais recentes, que vão até o começo do século XX, quando ficaram registrados ganhos adicionais do Brasil nesta competição voraz, ao se anexar mais terras disputadas com a França, Peru e Bolívia. Como resultado, o Amapá e grande parte do noroeste do Brasil, incluindo terras que hoje correspondem ao Acre, passaram a formar legalmente o território brasileiro.

O presente livro da pesquisadora norte-americana Susanna B. Hecht oferece uma história de tais disputas como nenhum outro até agora escrito em inglês. A sua análise aguda sobre essa verdadeira competição territorial vem preencher um vazio na bibliografia sobre o assunto e possui o mérito de enfatizar questões pouco estudadas (capítulos 2 & 3). Seu ambicioso livro de vinte e quatro capítulos, no entanto, poderia ter-se concentrado nessas incursões estrangeiras, já que o conhecimento histórico e político da autora, em outros livros afins, tem conseguido avivar grande interesse em seus leitores, mesmo aqueles que estão mais ou menos familiarizados com o assunto. Mas isso infelizmente não ocorre neste livro. Assim, no seu intento de querer cobrir tantos assuntos, termina prejudicando a unidade de *The Scramble for the Amazon* e a fluidez da sua leitura. Esta obra é em parte o que acabamos de descrever acima, mas também é uma biografia de Euclides da Cunha e ainda um compêndio traduzido de alguns ensaios sobre a Amazônia do autor brasileiro. A seção biográfica é a menos feliz na sua confecção de uma nova narrativa que pudesse lançar luz a áreas ainda obscuras

da vida do autor. Porém, dedica-se a repetir fatos já biografados por outros autores e incorrendo em erros fatuais graves.

Convenhamos, escrever sobre a vida de Euclides da Cunha e sua grande obra não é tarefa fácil. Sobre a sua biografia já se tentaram várias versões nos últimos anos, uma delas incompleta, posto que o tema, parecendo ser tão descomunal e complexo, e a vida do biógrafo tão curta reduziram tal esforço, lamentavelmente, a apreciações fragmentadas da vida de Euclides. O problema de *The Scramble for the Amazon* é que há momentos biográficos desnecessários que desvirtuam o propósito temático do livro e prejudicam a sua estruturação, dando-nos a impressão do esforço da autora em querer encaixar biografia do autor no contexto da história moderna da expansão territorial da Amazônia; e não porque Euclides esteja afastado desta história. Pelo contrário, ele aparece como protagonista importante e intérprete respeitado da realidade desse universo tropical. Todavia, questões ligadas aos últimos momentos de sua vida (capítulo 5), narrados dramaticamente como versões ligeiras que a mídia tem produzido no Brasil, prejudicam a visão da complexidade da vida do grande escritor brasileiro. Não é o lugar aqui para entrarmos no mérito da questão. Basta dizer ao leitor que o conteúdo biográfico sobre Euclides da Cunha no livro deveria aderir-se aos momentos de sua expedição à Amazônia e às suas relações com o Barão do Rio Branco. Os demais aspectos biográficos podem ser encontrados em uma dezena de obras de caráter biográfico, inclusive com esboços sobre a vida do autor em inglês.

Limite-me a chamar a atenção do leitor para alguns pontos que creio problemáticos para um livro que se pretende ser biográfico, portanto historicamente comprometido com a realidade. Outras falhas, e não são poucas, estão relacionadas à falta de revisão do livro. É inaceitável que uma editora como a The University of Chicago Press, com larga tradição de excelentes títulos no campo da História, inclusive traduzindo *Os sertões (Rebellion in the Backlands, 1944)*, deixe passar de forma tão descuidada uma centena de gralhas ou erros tipográficos: Trocam-se: Tratado de San Ildefonso por Tratado de San Idelfonso (188); *A tragédia da Piedade* por *A tragédia de Piedade* (453); Itamaraty por Itamarati (454); Juiz de Fora por Juiz da Fora (474); Vara de Órfãos por Vara do Órfões (477). Abusa-se de uma construção historicamente improvável: Quilombo do (sic) Canudos? (63), como subtítulo de uma seção do livro. Mas se essa estranheza linguística fugiu ao controle da autora, deslizos de outra ordem afetam a veracidade das afirmações contidas no livro. Por exemplo, há um esforço considerável em *The Scramble for the Amazon* para transformar Canudos em uma comunidade de quilombolas, sem que haja qualquer respaldo historiográfico para tal tese, que, aliás, concede também de forma inquestionável que o movimento social e religioso dos canudenses tinha como devota a figura da Princesa Isabel (4). A autora afirma que o crânio do Conselheiro foi empalado, quando sabemos que a cabeça foi separada do corpo pelo major Dr. José de Miranda Cúrio, conservada em cal e examinada pelos médicos Juliano Moreira e Nina Rodrigues em Salvador mais tarde (A fonte talvez para esta informação poderá ter sido *Vale of Tears* de Robert Levine, p. 184-185). Referindo-se à participação de índios, declara a

autora que “there were three hundred Kariri Indians in Canudos, including their powerful shaman, dancing in full regalia before the final attack and dying there” (63). O conhecimento sobre a participação de índios em episódio ligado ao Conselheiro é vago nos arquivos históricos, como a dos de Mirandela, que se dá em lugar e data muito diversos, em Soure e em 1893, segundo o Barão de Jeremoabo. Afirma-se também que o fotógrafo que capta uma das imagens mais famosas da Campanha de Canudos é João Bastos, (76–77) quando todos sabemos que é Flávio de Barros. Canudos, cidade de mulheres? A ideia é simpática, mas tal afirmativa requer dados historiográficos que infelizmente não existem.

As falhas acima preludiam outras mais graves que afetam a biografia de Euclides para os leitores desavisados. Assevera Hecht que o autor de *Os sertões* estudou no “Colégio Aquino, a polytechnic high school run, ironically, by Jesuit clerics committed to the secular ideas of Auguste Comte” (17). O colégio assim se chama porque o seu fundador foi João Pedro de Aquino, o qual não possuía nenhuma ligação com a Companhia de Jesus. Na mesma página, para Hecht, “When Constant . . . moved to the War College at Praia Vermelha on Rio’s back bay, so did the intellectually enthralled Euclides.” Na verdade o mestre esteve na Escola Superior de Guerra (Praia Vermelha) de 23 de março a 24 de agosto de 1889, aposentando-se em seguida. Euclides se matricula nessa escola em 8 de janeiro de 1890. À p. 35, atribui-se a propriedade de *A Província de São Paulo* (hoje *O Estado de S. Paulo*), jornal para o qual Euclides contribuiu, a Francisco Mesquita, quando na verdade esse diário estava sob a direção de Júlio Mesquita, como aparecerá mais tarde à p. 199. Segundo a autora, o sogro de Euclides, o General Frederico Solon Sampaio Ribeiro era senador (42). Sabe-se, no entanto, que o General Solon nunca foi senador e sim governador do Estado do Mato Grosso em 1891 e depois deputado pelo mesmo estado em 1893. Vocábulo, entre eles nomes próprios, mal transcritos mancham sobremaneira o esboço biográfico do livro: Uauá por Uruá (45); Queimadas por Quemadas (59); *coronéis* por *Coronais* (60); Arnaldo Pimenta da Cunha por Arnaldo do Pimento da Cunha (327), etc.

Ingenuamente, como tem se repetido alhures, Hecht abraça a teoria de que Euclides “in a zinc-roofed hut . . . produced the book that catapulted him into history” (79). Este mito se desbarata quando sabemos que Euclides dispensou enorme esforço bibliográfico e de pesquisa incompatíveis com o bucolismo de um simples barracão de zinco à beira de um rio. Por fim, quanto ao velório de Euclides, a autora sustenta que “his body lay in state at the National Academy” (470), quando ela mesma havia informado seus leitores sobre a associação do autor à Academia Brasileira de Letras (Brazilian Academy of Letters) em outras páginas (198, 213–14, 222). Algo parecido ocorre com o Observatório Nacional, que se traduz erroneamente como Brazilian Astronomy Institute (169); com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), vertido para o inglês como Institute of Geography and History (214); e com seu periódico chamado *Revista de Instituto Histórico e Geográfico* [sic] (486) ao invés de *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Essa falta de familiaridade com a língua portuguesa

e de consistência com respeito a nomes prejudica em vários pontos o rigor deste livro. Baste uma mostra a mais que desorienta qualquer leitor da história de Canudos e da biografia de Euclides: “It is possible to imagine that with a slight twist into an alternative universe, with a different destiny for da Cunha’s grandmother, Euclides himself might have been stamping war dances in the central plaza of Canudos as the Brazilian militias prepared their assaults. Certainly he had native cousins and kinfolk among the Kariri making their last stand at Canudos.” (63). *Certainly?* O que estaria apoiando a gratuidade desta tão frívola afirmação? A autora alude a esta herança genética sem especificar. Outro episódio biográfico, agora o da morte de Solon, filho de Euclides assassinado em 1916 no Acre, dispensaria maiores comentários sobre a obviedade do erro linguístico cometido pela autora, se não fora defendido de forma tão categórica como aparece no livro. As últimas palavras de angústia e dor de Solon, “Ai, meu pai,” antes de morrer, estão longe desta interpretação mirabolante: “But *ai* has another meaning: ‘here,’ or ‘there you have it, it’s done’—his death, an offering, or perhaps both” (473). A diferença entre *ai* e *ai* na gramática portuguesa também dispensa comentários.

Problemáticos são alguns erros históricos em *The Scramble for the Amazon* que o leitor poderá facilmente comprovar. Os jesuítas não foram expulsos do Brasil em 1781 (98), mas a partir de 1759, por Decreto-lei de 3 de setembro desse ano, promulgado pelo Rei D. José I. Richard Burton não foi enviado britânico ao Rio de Janeiro (28), mas cônsul em Santos, no estado de São Paulo. A foto usada na p. 48 do livro se refere à estadia de Euclides em Campanha, no estado de Minas Gerais e não na Bahia. Outra, à p. 191, não tem nada a ver com os barbadianos. São, sim, índios escravos do rio Negro sob o controle de um soldado do exército brasileiro, como atesta John Hemming em *Tree of Rivers: The Story of the Amazon* (248). Esta informação a autora provavelmente extraiu do livro de Anthony Smith, *Explorers of the Amazon*. New York: Viking, 1990, p. 317. Nesta página aparece a mesma foto com a seguinte legenda: “Many Barbadians were imported to oversee the Indian labour force, who provided the raw material from which fortunes were being made.” Outra foto, com a legenda “Dinner amongst the *caucheiros*” (322) induz a erro, pois essa refeição foi oferecida pelo caucheiro Carlos Scharff a alguns membros das comissões peruana e brasileira. Finalmente à foto da p. 436, Hecht acrescenta a seguinte e surpreendente legenda: “*Muchachos*: vicious child warriors of the Upper Amazon.” Trata-se, entretanto, de uma expedição formada pelo capitão Thomas Whiffen em 1906 para tentar encontrar o geógrafo francês, Eugène Robuchon, que “desapareceu” na floresta. Um negro norte-americano que trabalhava para a Peruvian Amazon Company, John Brown, foi o guia dessa expedição fracassada.

No que se refere à Amazônia e ao período durante o qual Euclides esteve ligado a esse tema, são necessárias ainda algumas observações. Uma delas, de caráter ortográfico, aponta uma série de gralhas que confundem o leitor não familiarizado com o assunto. Escreve-se *pirão* em lugar de pilão (pestle) (361); *Lost Paradise* ao longo de todo o livro e no seu título, dando a falsa impressão de que haveria um livro publicado com idêntico nome. Euclides desejava escrever uma

obra que se chamaria “Um paraíso perdido,” mas terminou não o fazendo por razões que não estão claras até hoje, e não, como afirma o livro de Hecht, porque “he was shot to death by his wife’s lover” (13). Quanto a esse projeto, sabemos sobre a dificuldade de realizá-lo, a qual ele eloquentemente expressa em cartas e em seus próprios ensaios. Estes últimos, possivelmente, deveriam fazer parte de seu projeto de livro “Um paraíso perdido,” mas acabaram sendo incluídos em *Contrastes e confrontos* (1907) e *À margem da história* (1909). As referências taxonômicas aos dois principais tipos de borracha na Amazônia são confusas. Por um lado, o que se denomina mais comumente como *caucho* aparece como *Castilla*, dando a entender que o leitor deve conhecer a espécie *Castilla* ou *Castilloa elastica*; por outro, o que se rotula de *borracha* é a *Hevea brasiliensis*. Contudo, no livro aparecem também *H. brasiliense/brasilienses/brasilienses* (184, 217, 252). *Caucheiros* é voz abasileirada do espanhol *cauchero*, mas não deveria designar, como quer a autora, quaisquer seringueiros, independentemente de sua nacionalidade, isto é brasileiros ou peruanos, já que o próprio Euclides enfatiza esta diferença em seus ensaios. E vale a pena insistir que o escritor estava muito consciente disso quando intitula um dos seus ensaios da seguinte maneira: “Os *caucheros*” e não como quer Hecht, “Os *Caucheiros*” (490). Esta falha não teria maiores consequências se não viesse acompanhada de outras. Hecht traduz para o inglês o ensaio “Os *caucheros*” dando-lhe também um título outro, “Among the *Caucheiros*” (432–442), contradizendo o título anterior e gerando confusões. Estaria pensando ela em “Entre os seringais,” esse outro ensaio de Euclides?

Outra dificuldade tem a autora ao escrever corretamente nomes relacionados à Amazônia brasileira e suas fronteiras. Substituem-se: Tenreiro Aranha por Tenriero Aranha (247); Luis Gálvez [Rodríguez de Arias] por Luiz Galvão (167–69); *piqueiro* por *piquero* (370); *paxiúba* por *paxuiba* (371); Estanislao Severo Zeballos por Estanislao Severo Zebellos (457)

Ao princípio do capítulo 18 nos deparamos com uma narrativa sobre a volta de Euclides da Amazônia. Dessa perspectiva, essa seção do livro poderia ter servido muito bem para esclarecer dados da experiência do escritor no Norte e de sua vida profissional no Rio de Janeiro. Mas a narrativa descamba, uma vez mais, para o drama da vida privada de Euclides sem uma transição; drama, que a bem da verdade, tem sido explorado *ad nauseam* pelos seus biógrafos. Como tal, este capítulo e os próximos (21 e 22) apresentam problemas semelhantes de transição e mudanças de foco, misturando comentários da autora com traduções dos ensaios de Euclides, quando estes poderiam ter sido colocados numa seção à parte do livro. E o problema das traduções merece outra advertência. Não se compreende por que nenhuma convenção editorial foi estabelecida para a diagramação do livro. Às p. 238–45 encontra-se o belo ensaio de Euclides “Impressões gerais” da primeira parte—Terra sem história (Amazônia)—de *À margem da história*. Na tradução de Hecht, o ensaio começa sem nenhuma notação; e assim fica impossível saber se o título, General Observations: Land Without History, é de Euclides ou da autora. Ora, para um leitor incauto, este detalhe importa, como também teria sido necessário que Hecht avisasse seu leitor que à p. 245 ela

decidiu interromper este ensaio, aglutinando-o a um trecho de outro texto de Euclides, o seu prefácio ao livro de Alberto Rangel, *Inferno verde*. Além disso, partes desse último texto foram mutiladas sem nenhum respeito pelas convenções de citação. As reticências que aparecem no último parágrafo dessa página não são de Euclides e outras, que deveriam aparecer para indicar interrupção e interferência editorial, estão ausentes.

Há em *The Scramble for the Amazon* intenção de abrir horizontes segundo nova terminologia e correntes científicas. Mas nos inquieta que se faça tão pouco caso aos dados históricos, quando se sabe que são todos eles susceptíveis de verificação. O uso que se faz de El Niño, por exemplo, para referir-se ao regime das secas do nordeste brasileiro no século XIX cria uma estranha anacronia.

Do exposto acima poderá o leitor deduzir que o livro que resenhamos deixa muito a desejar quanto à sua organização e apresentação ao público-leitor. Não obstante, a contribuição de Susanna Hecht no campo das análises sobre tropicalidade (*tropicality*) é louvável. Os capítulos 10 e 14 são excelentes introduções ao desenvolvimento do comércio local e global da borracha, assim como o capítulo 15 que, de forma original, define o pensamento de Euclides no contexto das teorias científicas europeias e dilucida a relação entre ciência e arte na linguagem do grande escritor, assunto que tem despertado justificado interesse nos últimos anos (e.g. Francisco Foot Hardman, *A vingança da Hileia*). O ponto alto deste livro de Hecht é o capítulo 19, no qual a autora esbanja conhecimento cartográfico e geográfico para fazer uma leitura esplêndida das articulações diplomáticas no contexto geopolítico amazônico. Para mim, somente estes três capítulos justificariam todo o livro.

Leopoldo M. Bernucci
University of California at Davis